EXPEDIENTE.

Recebemos com muita satisfação o lindo e moralissimo conto popular, que nos remetteu o Sr. Cascaes. Mui proximamente, brindaremos os nossos leitores com a sua publicação.

O mui intelligente fabricante que nos mimoseou com uma interessante noticia ácerca do — Relogio Electrico — póde estar certo de que, estimamos muito a sua collaboração; e que a aproveitaremos sempre que nos dê ensejo para o podermos fazer.

Recebemos mais dois artigos do Sr. Ferreira da Lapa, a quem por equivoco se chamou Lopes em o n.° antecedente. No proximo numero começaremos a publicar os trabalhos com que nos teem honrado.

O *artigo* ácerca da medicina empyrica contém materia que por em quanto não julgamos dever tractar.

Folgamos muito por termos recebido provas de que não foram vãs as esperanças, que fundámos em uma valiosa collaboração, quando publicámos a noticia relativa á bençam de uma nova capella.

Publicações recebidas. — Parte do tomo 1.° do Compendio de Historia Universal extrahido dos melhores auctores pelo Sr. José da Motta Pessoa de Amorim. — Estrêas Poeticas do Sr. A. Cabral Couceiro Girão de Mello. — 1 vol. em 8.°

CONHECIMENTOS UTEIS.

A SEDA.

49 A industria da seda é um d'esses ramos de commercio abençoado, que, juntamente com a riqueza, vem trazendo a paz e a felicidade ao lar domestico.

Nos campos, onde mãos bemfazejas plantam as amoreiras, os povos perdem a rusticidade que escravisa as mulheres á força bruta dos homens. — Em quanto o homem se afadiga para revolver a terra com a enchada, ou em quanto passa as largas horas do dia trabalhando em uma fabrica, a mulher e os filhos, cuidando no sustento de um simples insecto, exploram a mina de ouro d'onde hade sahir o preço de uma courella mui productiva, o dote de uma filha, ou o arrimo da velhice.

A obra maravilhosa da civilisação produz harmonias tam suaves e grandiosas, como as que abundantemente produz a natureza, e que tanto inspiraram os altissimos espiritos de um *Buffon* e de um *Bernardin de Saint Pierre.*

Aqui mesmo, nas paginas d'este jornal, que ora redigimos, se appresentou o traslado de um d'esses trechos de eloquencia que raras vezes se encontra. E todas essas variegadas flores da imaginação, rescendendo o suavissimo perfume da paz, brotaram com a contemplação de uma região agreste e baldia, transformada pela cultura das amoreiras em campo viçoso e prestadio.

Nenhum dos antigos leitores da Revista se terá esquecido do quadro magnifico, em que de um lado se representava o Vivarais no fim do seculo passado, visto por Faujas de Saint-Fond, e do outro o Vivarais examinado ha poucos annos por Aimé Martin, esse digno esposo da viuva de *Bernardin de Saint-Pierre.*

O contraste era grande: em menos de meio seculo a cultura das amoreiras transformára o Vivarais.

O nome do homem illustre, que promoveu a plantação d'essa arvore civilisadora, ficou eterno na memoria dos seus patricios. — E na magestosa empreza da civilisação da França, entre o nome de Henrique IV e o de Sully, figura o modesto nome de Olivier de Serres, o auctor do *Theatro de Agricultura* e do *Trafego do Campo*, e o bemfeitor do Vivarais.

Permitta Deus, que estas e outras recordações historicas alentem o animo dos poucos, mas animosos, cultivadores de tam importantissima industria; e que façam apparecer novos defensores d'essa boa doutrina.

Sem fazermos relações minuciosas que podem offender os esquecidos; tres nomes nos estão saltando dos labios, os quaes não podemos callar; e vem a ser o do Sr. A. F. de Castilho, fundador da Revista, o do Sr. Tinelli, e o do Sr. Salles, de quem hoje publigamos, com muito gosto, um annuncio de grande valia para os que se interessam no fabrico da seda. Todos tres merecem bem da patria pelos esforços, que teem feito para generalisar uma plantação de tanto proveito.

O firme proposito, em que estamos de seguir todas as boas praticas que deram nomeada a este jornal, fará com que por varias vezes dediquemos algumas linhas a objecto de tanto momento. E por hoje não perderemos o ensejo de fazer sobre o ponto algumas considerações, que nos estão occorrendo.

A seda é um fructo de civilisação, ao passo que o seu fabrico é um meio de civilisar os povos. Não é um d'esses productos exigido pelas necessidades indispensaveis da vida, mas apezar d'isso é uma fonte copiosa de riqueza.

No templo de Deus, nos palacios dos reis e dos poderosos, as sedas brilham pelo matiz das cores e pelo primor dos desenhos. Aos sons de harmoniosos instrumentos, as festas mais esplendidas reunem em salas, recamadas de ouro, a turba avida pelos ruidosos prazeres do mundo, ahi, as sedas cahem em festões por todos os lados: as sedas vestem esses grupos graciosos, que a dança anima, como se fossem um sonho phantastico reflectido pelos espelhos que forram os elegantes aposentos.

Sahindo d'este delirio da imaginação para o silencio religioso do templo, os sons cavos do sino bento chamam os fieis para o presbyterio: as sedas lá estão nos paramentos do altar, sobre as imagens dos sanctos, sobre o corpo dos sacerdotes e até pendentes das columnas.

As sedas vestem completamente muitos individuos das classes mais abastadas da sociedade, bem como se divisam no fato domingueiro do operario ou do aldeão.

Um producto, que por tal arte se derrama, desde o templo e do palacio até á choça do pastor, forçosamente representa a creação e a distribuição de avultadissima somma de valores. Ora já se vê, que não só a moral, mas tambem a especulação, convidam para que todos os paizes, que Deus fadou com um clima para tam precioso ramo de industria, se apressem em o aclimar como cousa propria.

Em Portugal vasto campo se offerece para essa industria, que de mais a mais nem sequer é uma inno-

vação. Os nossos maiores não a esqueceram no meio das suas lides guerreiras.

O Arcebispo de Braga D. Silvestre, quando em 1233 deu o foral aos habitantes de Ervededo, ordenou que as folhas das amoreiras se não vendessem para fóra do couto, e ordenou mais, que do sirgo que se creasse lhe pagariam a sua parte em *canelos*.

Tambem o fabríco da seda foi assumpto de que se faz menção nos capitulos das côrtes de Affonso V.

Muitos outros monarchas portuguezes, que seria erudição vã estar nomeando, se interessaram por tam benefica industria. E para gloria do nosso mais justo orgulho, basta-nos, que não precisamos esquecer, como a França, o perjurio e a ingratidão de Luiz XI, ante o acto de mandar vir de Genova e de Florença operarios para as fabricas de seda. Cá temos exemplos muito similhantes sem que provenham de reis que tivessem a purpura manchada com o sangue de quatro mil vassallos. O que ao presente devemos é combinar com as exigencias da era, em que vivemos, a pratica dos bons desejos que os nossos ascendentes mostraram neste, como em outros pontos relativos á industria e á agricultura.

A seda, por dois modos, nos póde dar valores para trocarmos pelo que não podemos ou nunca poderemos produzir.

Em dois ramos principaes se divide o seu commercio; e póde ser considerada como materia primeira, ou como artefacto. Como materia primeira, a sua producção consiste na creação do bicho e cultivo da arvore que o sustenta, e ainda quando muito no fiar e torcer do fio.

Pelo que diz respeito ao fabrico do estofo, e á tinturaria do fio, os elementos de que depende não formarão, por em quanto, parte dos nossos estudos: a tinturaria é um objecto, em geral, de maximo interesse, e para o qual não deixaremos de olhar com a devida attenção.

Sendo mui importante o valor das sedas que Portugal importa, e sendo o seu clima um dos mais adquados para a producção das materias primeiras d'esta industria, fica evidente, que a fabricação das sedas deve ser um ramo de industria proveitoso. E não se afugentem d'esta especulação, porque alguns ensaios que se teem feito deram perda, porque essa proveio de causas que o bom senso e as perfeitas idéas commerciaes podem evitar.

Para crearem animo os que tentarem similhante empreza, basta-lhes a convicção de que o producto se póde alcançar perfeito e por modico preço. N'este ponto é que devem colher os exemplos do que se tem passado; e é incontestavel que alguns artefactos das fabricas portuguezas de Lisboa e do Porto teem sahido mui perfeitos.

Ainda mesmo quando não houvesse exportação, o que em absoluto se não póde asseverar, bastava que se produzisse a maior parte da seda que se importa para consumo e já não seria diminuto o lucro que d'abi se tiraria. E já que os capitaes sahiram das burras que os enthesouravam, para não só se applicarem a mui uteis emprezas, mas tambem para correrem as aventurosas crises da alta e da baixa dos fundos publicos; seria bom que alguns tomassem a direcção da industria manufactureira, e que entre outros ramos d'essa industria fosse o fabríco da seda, como artefacto, um dos meios de alcançar o rasoavel juro que deve ganhar o capital.

Quanto ao cultivo das amoreiras e creação do bicho seria pouco tudo quanto se dissesse a tal respeito. E nem em similhante ponto devemos ficar inferiores aos povos, que chamamos barbaros, pois que é bem sabido que Mehemed-Ali mandou buscar uma colonia de Assyrios para lhe levarem a industria da seda.

Os parochos e as auctoridades administrativas pódem fazer mui uteis serviços ao desenvolvimento de tam famosa industria.

As camaras municipaes fariam bom serviço aos respectivos municipios, se, promovendo a plantação de arvores silvestres, preferissem sempre as amoreiras. — Estas arvores pódem plantar-se de modo que não prejudiquem as outras culturas. Ainda depois de se ter aproveitado a folha para a creação dos bichos da seda, se póde no outono tirar vantagem de outra colheita da folha para sustento do gado, ou para alimentar as estrumeiras. E para em tudo taes arvores serem uteis, até se póde tirar vantagem da lenha, que no inverno se lhes deve cortar para melhor producção. Por todo o reino se póde propagar esta civilisadora industria. Não é impossivel, que por exemplo, em Traz-os-Montes, se restabeleça o antigo credito das suas fabricas de veludo, tam falladas nos tempos passados.

Existe mesmo em Portugal muita disposição para essa industria. — Quem já esteve nas provincias do norte ha de lembrar-se de ouvir, perto da lareira, muitas recordações saudosas do tempo em que o sirgo se vendia com muita facilidade. Na Romaria de S. Cosme ouvimos a muitas aldeãs gabarem-se de que as suas arrecadas tinham sido compradas com o producto, que de tam benefica industria tiraram seus avós. E como resultado da fervorosa devoção de tam boas almas não deixaremos de mencionar o que tambem por lá ouvimos ás mais idosas, quando olhavam para algum retalho de cabaia, e passando as contas pelos dedos diziam: — Ai que santos não deveram de ser os missionarios, que das terras da China nos trouxeram um animalzinho tam enfesado, e ao mesmo tempo mais valioso para os pobres do que uma boa mina de pedraria de bom quilate! . . . — Estas singelas reflexões mostram como o povo percebe o que os sabios teem por grandes descobrimentos.

E as mais rudes aldeias nos demonstram o que affirmou um dos nossos distinctos escriptores, quando disse, que o Brasil não déra tantas riquezas a Portugal, como a producção e a manufactura das sedas deu á França e ao Piemonte.

Meditem sobre o que deixamos escripto todos quantos por obrigação se devem interessar pelo desenvolvimento dos nossos interesses economicos; e lembrem-se que esta industria tornou queridos de toda a nação, entre outras, a memoria de dous homens, D. Pedro II, e o conde da Ericeira.

VENDA DE PÉS DE AMOREIRA E DE ESTACAS DE MULTICAULES.

50 O Sr. Antonio Pedro de Salles, morador na rua das Flores n.º 37 em Lisboa, está habilitado para poder satisfazer a qualquer encommenda, que se lhe faça, de pés de amoreira, ou de es-

tacas de multicaules, proprias para as creações dos bichos de seda, pois que póde dispôr de avultadissima porção, não só dos seus viveiros em Barcarena, como da que pertence a amigos seus. — Afiança a boa qualidade das arvores e a commodidade do preço: e bem assim que as continuará a remetter para o seu destino, bem accondicionadas como as muitas que tem mandado tanto para o interior como para o exterior do reino, as quaes sempre foram recebidas muito a contento das pessoas que as encommendaram.

A BOTANICA EM 1847.

51 O desinvolvimento, que, de anno para anno, toma o gosto pelos estudos botanicos, é de admirar. Na França, Belgica, Allemanha e Inglaterra é raro encontrar-se um proprietario rico, que não tenha feito construir estufas, algumas das quaes são de um luxo real. Varios d'estes proprietarios sustentam, em diversas partes do globo, pessoas, unicamente encarregadas de colligirem as plantas desconhecidas na Europa. O seu zêlo não se acovarda com difficuldades: chegando a haver em Inglaterra plantas, que teem custado a seu dono alguns milhares de libras.

Não são só os particulares que se entregam ao estudo da botanica; é tambem a maior parte dos soberanos da Europa. O que n'isto se encontra de mais admiravel é que, de hoje á vante, quando se pertender observar ou estudar essas bellas plantas, que só se criam nos climas ardentes, ter-se-ha de ir aos climas septemtrionaes, por entre os gelos e as neves. O imperador da Russia acaba de construir estufas de uma magnificencia, e grandeza taes, que, a par d'ellas, as maiores de Inglaterra ficam sendo pequenissimas. É por milhas que se calculam estes palacios de vidro, e o que mais é, o crescimento d'ellas parece não ter de parar tão depressa.

Se da cultivação material das plantas, passarmos para a cultivação do espirito não é sem grande prazer que vemos que por toda a parte se estabelecem escholas agricolas: devendo com tudo notar-se, que é na Inglaterra e na Allemanha, onde a instrucção agraria está mais adiantada. *(Annuaire de l'Horticulture.)*

CULTURA DO CHÁ.

O artigo, que abaixo extractamos de uma publicação franceza, mostra até que ponto diversas plantas se podem acclimar em todos os paizes. O nosso clima, um dos mais favorecidos da natureza, podia sob este ponto de vista, tirar grandissima utilidade. Se em França produz o chá, com muito mais rasão elle deve produsir entre nós. Julgamos que sem grande trabalho o chá se acclimaria na nossa Ilha da Madeira, donde depois poderia vir para o Algarve.

Pedimos por tanto aos nossos agronomos, que meditem sobre este objecto, e procurem pelos meios ao seu alcance, que se obtenha um resultado de tanto proveito para elles e para a nação.

52 A introducção da arvore do chá na França, trazida ha poucos annos do Brasil, póde um dia dar resultados de summa vantagem. Em Angers, onde existia, tinha-se visto com praser esta arvore suportar os rigores do inverno, porém o que ainda se não tinha observado era a sua florescencia; e sobre tudo ainda se não tinha podido julgar se as folhas produzidas no sólo francez conservariam algumas das qualidades das produsidas na China e no Japão. Esta questão acha-se hoje resolvida. Não sómente floresceu, como tambem deu fructos, que amadureceram perfeitamente, tanto em Angers como sob o ceu mais quente da Provença.

Quanto á qualidade das folhas não ha nada mais a desejar. O chá feito com ellas sahiu de optimo gôsto, conforme a opinião de varios amadores, que provaram dellas preparadas por M. Lecoq, inspector das plantações de Paris. Os paladares mais conhecedores não acharam differença entre os *chás francezes* e as melhores qualidades da China. É possivel que a arvore do chá apenas produsa pouco nas provincias septemtrionaes da França: mas tudo parece indicar que a cultura deste arbusto seria um manancial de riqueza para as terras do sul da Corsega, e talvez da Algéria.

* *

O SEGREDO DA ABELHA.

53 No tempo dos nossos bons avós, não haveria alma christã que deixasse de accreditar na *infallibilidade* destas simples palavras — *o segredo da abelha* — para significar qualquer cousa de que não soubessem a explicação.

Tudo póde o tempo.

O segredo da abelha foi revelado pelo estudo e pela observação. Mas custou muitas vigilias e muitos trabalhos. Se não receassemos que nos chamassem pedantes, haviamos de fazer aqui um cathalogo das obras extensas, e algumas de grande nomeada, que nos estão lembrando, ainda que não fôra senão para confundir a sabedoria de muitos *espiritos fortes*, ante a profusão de livros e de calculos, feitos para descobrir o viver de uma das mais pequeninas obras de Deus!

Desistimos por hoje, pois que isto de redigir a Revista não é cousa que deixe panno para mangas. Por tanto vamos ao caso, que não deixa de ser dos graves.

Ha pouco tempo, dous dos mais celebres chimicos da França, *Dumas* e *Milne Edwards* medindo lá comsigo as suas forças, assentaram que só estudando juntos poderiam achar a revelação do segredo, quasi findo pelas investigações de outros sabios. Os *Annaes de Chimica* e de *Physica*, redigidos por insignes professores dessas sciencias, (*) deram cabida nas suas columnas ao relatorio das observações feitas pelos dois habeis chimicos.

A Revista ufana-se hoje com a fortuna de poder levar pelas cidades e villas deste reino um extracto de taes observações. Regosijamo-nos quando vemos praticamente a utilidade, que resulta de se poder derramar a instrucção por meio dessas modestas e volantes folhas de papel chamadas jornaes.

Nas mais pobres aldêas das nossas provincias, onde ainda ha bem poucos annos, o moço no verdor da edade conduzia o ancião para defronte dos cortiços; e ahi, á restea do sol, aprendia a moral rude, mas

(*) Os redactores desta publicação accreditadissima em toda a Europa são—Gay Lussac, Arago, Dumas, Pelouze, e outros de egual quilate.

puríssima, que rebentava daquelles labios abençoados pelo tempo, como da rocha rebenta a agua mais christalina; ahi, nesse mesmo logar aonde lhe contaram, que um certo rei, para descobrir o segredo da abelha, mandára fazer colmeias de vidro, mas ficára logrado pelo industrioso insecto, poderia hoje o rapaz ao sahir da eschola, se lá a houvesse, comprehender nestas linhas da REVISTA, que, se continuasse a estudar, muitas outras cousas saberia ainda de mais apreço do que o segredo da abelha.

Em quanto o povo não souber ler, os jornaes, e ainda o que é mais, o proprio governo, são unicamente pregadores no deserto.

Perdoe-se-nos o desabafo, que não deixa de ser justo; e para esquecermos estas idéas lúgubres, vejamos o que sobre parte do tão fallado segredo da abelha dizem os nossos bons chimicos.

Os primeiros naturalistas, que estudaram esses insectos, julgavam que o pollen das flores que as abelhas escolhiam, era a bem dizer a cera em bruto; e que o animalzinho não era senão um canal onde o pollen apenas se misturava com algum liquido fornecido pelos orgãos.

Um grande anatomico, Huber, pensou o contrario, e tentou provar que o insecto tinha uma parte mais directa na fabricação da cera; e que o pollen das flores era apenas um elemento de que sabia tirar proveito á custa dos seus proprios orgãos. Provou a sua theoria com a seguinte experiencia. — Fechou algumas abelhas dentro de um cortiço, e não as nutriu senão com mel e assucar; e as abelhas sem o pollen das flores fabricaram os favos como de costume, donde Hunter concluiu, que esses insectos podiam transformar o assucar em cera. Saibam os nossos lavradores, que estas linhas que por ventura se podem parecer com uma licção amena de historia natural, contêm principios de muito alcance para a theoria em extremo util da nutrição dos animaes.

A experiencia de Hunter foi posta em duvida, por quanto a pratica provou que todos os alimentos, que promoviam a nutrição do insecto, continham sufficiente materia cerosa, para se poder deixar de attribuir ao animal a faculdade de produzir a cera.

« Com effeito para abonar os resultados de Huber, (dizem os celebres chimicos) seria necessario examinar a porção de cera preexistente nas abelhas submettidas ao regimen saccarino, comparal-a com a cera produsida, e ver depois se os insectos haviam emmagrecido. Ora pelas experiencias de Huber e Grundlach, não se tinha sabido se a cêra, produsida pelas abelhas, era resultado do assucar, de que os animaes se nutriam, ou se precedentemente a haviam tomado das plantas, e conservado em reserva dentro em si.

Com o intento de resolver este problema, proseguimos na experiencia de Huber, ajudando-nos com a analyse chimica. Após varias tentativas infructuosas, conseguimos das nossas abelhas, sujeitas um regimen determinado, que trabalhassem.

A primeira experiencia foi contraria á opinião de Huber. Um enxame, encerrado em um cortiço novo, foi collocado em uma casa, e as abelhas foram nutridas com assucar mascavado á vontade. Passados alguns dias, começaram ellas a trabalhar, e fiseram apenas dois pequenos favos; mas sua actividade durou pouco, e conheceu-se que lhes era impossivel continuar o trabalho. Os dois pequenos favos pesavam quatro grammas, e renderam tres de cera pura. As abelhas, que haviam produsido esta cera, eram 5615. A analyse de certo numero destes insectos, feita antes do começo da experiencia, mostrou que no corpo de cada uma dellas devia existir quatro centessimos de uma gramma de cera.

Como os dados, em que nos fundámos para este calculo, estavam sujeitos a erros inevitaveis, preferimos recomeçal-o, nutrindo as abelhas com mel.

Quatro enxames passaram a ser sustentados com mel: tres destes não produsiram cera alguma; porém o quarto deu-nos resultados differentes. Este enxame, composto de 5005 abelhas, fabricou alguns favos. A 7 de julho apartámos dentre estas 117, afim de as analysarmos: e obtivemos 0,208 de uma gramma de cêra. Cada abelha continha pois em si 0,0018 de uma gramma de cêra; vindo por tanto o enxame a ter 3 grammas e 0,218.

O mel, destinado ao alimento das abelhas, foi tambem analysado e produsiu em peso $\frac{2}{10000}$ de cêra. Durante os primeiros dez dias foram as abelhas sustentadas com 411 grammas 0,779 de mel, incluindo nestes alimentos 0,329 de uma gramma de cêra.

Proseguindo em nossas experiencias, obtivemos em resultado o seguinte:

A 18 de julho, isto é, no undecimo dia da experiencia, tirámos do enxame tres favos do pêzo de 17 grammas.

Nos dias seguintes as abelhas não trabalharam, não por falta de materiaes, pois observámos que muitas deixaram cahir do abdomen uma quantidade consideravel de particulasinhas de cêra, que tivemos o cuidado de guardar.

Para determinar a quantidade real de particulas de cêra, coutidas nos favos, e nos corpos das que morreram, e na cera espalhada no fundo dos cortiços, procedemos á analyse que nos deu em resultado 11 grammas e 0,515 de uma gramma, o que dividido por todas dá a cada uma, termo medio, 0,0064 de uma gramma. Esta quantidade é superior á da cera preexistente nos insectos no começo da experiencia, ou na introdusida em seus corpos com o mel, com que as tinhamos alimentado.

Com o fim de tornar mais positivos estes resultados, era necessario indagar ainda a quantidade de cêra, que ficava nas abelhas depois dellas terem produsido os favos. Alguns dias depois da cessação do trabalho, tirámos do cortiço 500 abelhas neutras, para as analysarmos. — Estas, em vez de terem padecido do regimen, ao qual as haviamos submettido, pareciam até ter engordado, pois pesavam 13 grammas e 0,418 de uma gramma cabendo a cada uma 0,1277 de uma gramma, emquanto antes da experiencia só cabia a cada uma, 0,087 de uma gramma. Procedendo á analyse sobre estas 500 abelhas, achou-se de cêra 0 442 de uma gramma sendo para cada uma 0,0042 de uma gramma.

A 8 de agosto, no fim da experiencia repetimos a mesma analyse sobre 504 abelhas, e o resultado veio em nosso abono.

Pelo que se acaba de ler, se vê que as quantidades de cêra preexistentes nas abelhas no começo das experiencias, não bastam para explicar a producção da cêra, que acabamos de demonstrar.

Com effeito:	gramma.
A cêra preexistente no corpo de cada abelha foi avaliada em	0,0018
A que lhe foi ministrada durante a experiencia foi de	0,00038
A quantidade total, cuja origem podia ser attribuida aos alimentos monta pois a	0,0022
Ora durante o curso das experiencias cada abelha produsiu de cêra	0,0064
E ainda depois de ter fornecido esta secreção abundante, cada abelha continha em si	0,0042
Total	0,0106

A differença é pois de 0,0984 de uma gramma.

Logo que a estação permittir, repetiremos, em maior escala, as experiencias: porém os factos, que expozemos, nos parecem demonstrar claramente — que, ainda sustentadas só com mel puro, as abelhas produsem cêra.

A producção da cêra constitue pois uma verdadeira secreção animal; em consequencia do que a opinião dos antigos naturalistas e de alguns chimicos modernos deve ser regeitada. No momento, em que a chimica penetra pelo dominio da physiologia, todas as opiniões devem ser submettidas á experiencia, que só saberá discernir a verdade do erro, e que nos ha-de ensinar em que casos ha simples passagem de materias alimentares nos humores, e em que casos estes productos se modificam ou se transformam sob a influencia dos orgãos. »

ARROZ DE SEQUEIRO.

54 Consta-nos que o Sr. Marquez do Fayal mandára vir de Hispanha, onde se cultiva com bom exito, uma porção de arroz de sequeiro.

Se S. Ex.ª conseguir estabelecer em terras de Portugal uma cultura de tanto proveito, faz um grande serviço á Agricultura patria e á humanidade.

A cultura do arroz é perigosa em consequencia dos pantanos onde elle cresce; substituir-se a um tal cultivo outro onde não haja taes perigos, é um grande bem.

Pedimos pois a S. Ex.ª que progrida no seu nobre empenho, dando por esse modo mais um documento do quanto lhe deve a humanidade.

**

MANNÁ.

55 Discutiram theologos e sabios sobre o que seria o manná, de que, portanto tempo, se alimentaram os hebreus no dezerto; e acabaram por ficar sabendo tanto como anteriormente: até que o céu condoeu-se delles, e veio, em nossos dias, revelar uma parte do seu segredo.

Recentemente em Argel e em a Nova Hollanda choveu manná. Os sabios, que o analysaram, reconheceram, que este não era outra coisa mais do que uma especie de musgo.

Estes musgos agglomeram-se em pequenas porções arredondadas e irregulares; são alvacentas, da grossura de um dedo; e conteem uma grande parte de fécula; podendo por consequencia servir de alimento. As pessoas que o descobriram, em Argel, sustentaram com elle por alguns dias os seus cavallos, e conseguiram faser tambem uma especie de pão.

Segundo todas as probabilidades, este musgo forma-se sobre os rochedos áridos, ou talvez nas arêas do dezerto: e como não tem adherencia nenhuma á terra, facilmente é transportada pelos ventos tempestuosos de uma para outra parte.

Á vista disto, não ha grande impossibilidade, em que o manná dos hebreus fosse este mesmo musgo, que, em climas analogos aos da Arabia, se acha algumas vezes em grande quantidade.

Esta supposição não é em nada contraria ás santas crenças de nossos paes. Antes pelo contrario mais as corrobora.

**

MARFIM VEGETAL.

56 Um botanico inglez, que ha dois annos percorreu a America meridional, trouxe para Inglaterra um fructo, que na sua dureza appresenta as qualidades do marfim.

A planta, que o produz, cresce nas abas dos Andas, no Perú, nas margens do rio Magdalena. O fructo é do tamanho de um damasco grande: descascado e posto ao contacto do ar adquire a dureza e alvura do marfim. Foi por esta singular propriedade que na *Flora do Peru* se chamou a esta planta *Phytolephas macrocarpa*.

Quando o fructo começa a formar-se, enche-se de um liquido christallino, que muitas vezes serve para mitigar a sede aos caminhantes. Á proporção que vae crescendo, este liquido torna-se como leite, e adquire um gosto sacharino. Finalmente quando está perfeitamente maduro, torna-se o liquido mais consistente acabando por tomar a dureza do marfim.

Os inglezes foram os primeiros que principiaram a fazer uso deste fructo; empregando-o em varias obras, como gastões de bengalas, botões, contas, peças de xadrez, e mil outros objectos de quinquilharias.

Tem este marfim a propriedade de se embrandecer mergulhado em agua, tornando depois ao seu estado primitivo de dureza com o contacto do ar.

No jardim das plantas de Paris o cultivam com feliz resultado.

A nossa industria poderia tirar proveito deste fructo, mandando o vir e empregando o nos seus misteres. Se algum curioso o mandar buscar, e procurar aclimal-o no nosso territorio, fará nisto um beneficio á nossa industria. Este fructo talvez se desse bem entre nós visto o clima, onde elle cresce, ser proximamente o nosso.

**

INSTITUIÇÃO REAL AGRONOMICA DE GRIGNON.

Com o intuito de cooperar, quanto em nós caiba, para o augmento da nossa Agricultura, forcejaremos por appresentar aos nossos agricultores tudo quanto sirva para alcançar-se este feliz resultado, e de que obtivermos noticia.

É por isso que hoje publicamos o seguinte ar-

tigo, extrahido de uma obra franceza intitulada — *Da Instrucção Publica em França.*

Se estas linhas não ensinam alguma verdade pratica, teem a vantagem de mostrar o grau de importancia, que nos Paizes, mais adiantados do que o nosso em civilisação, se tributa a esta profissão, e os estudos, que hão-de possuir os que desejarem concorrer com o seu trabalho para o engrandecimento da arte mais nobre e util dos Estados.

—

57 A Eschola de Agricultura de *Grignon* junto a *Néaulphe* (departamento do *Seine e Oise)*, aberta no 1.° de maio de 1831, foi fundada com o fim de ministrar aos mancebos, que se dedicarem á Agricultura, uma instrucção ao mesmo tempo theorica e pratica.

O dominio de *Grignon*, composto de 1:100 geiras (cada geira franceza tem cem varas portuguezas quadradas), consta de terras cultivaveis de diversas qualidades, bosques de especies muito variadas, veias de agua appropriadas a officinas, uma vasta lagoa, e prados irrigaveis.

Adoptaram se todos os instrumentos, cuja utilidade real tem sido reconhecida em França, na Inglaterra, e na Allemanha. A alguns se fizeram mesmo em Grignon notaveis aperfeiçoamentos, e outros foram inventados, e submettidos á sancção da experiencia diaria.

Nos curraes existem todos aquelles animaes, que servem ou para os trabalhos ou para as especulações agricolas da creação e da céva.

Os tiros são formados de éguas da raça cauchesa (oriundas de *Caux* cidade na Normandia), e do *Perche* (antiga provincia, hoje encorporada nos departamentos de *Eure* e *Loire*, e *Orne)*: — de bois da Alsacia, do Limoges, de *Cholet* (cidade nomeada pelos seus agricultores) e do *Nivernais* (antiga provincia, hoje o departamento do Niévre).

O gado vacum é composto de toiros de raça suissa (Schwitz), de trinta vaccas suissas, normandas e crusadas; de vinte e seis crias de differentes edades e de diversos graus de crusamento.

Os rebanhos, que montam a mil cabeças, compoem-se das raças merinos, ingleza, artesianna, solonhesa, do Vendome, merinos mestiços, anglo-merinos, e anglo-artesiannos.

O gado suino compoem-se das diversas raças ingleza, anglo-chineza, e anglo-americana.

Uma machina de debulhar da primeira ordem, uma officina para se faser fécula, uma fabrica de queijos, um jardim botanico, viveiros, uma horta, e plantações de amoreiras completam a instrucção pratica.

I. *Objecto e duração do ensino.* — A instrucção theorica das sciencias e das artes, applicada á agricultura e ao emprego immediato de seus productos, dura dois annos.

Ensinam-se no 1.° anno:

1.° — As methematicas elementares e sua applicação á agrimensura, ao levantamento das plantas, e aos nivelamentos:

2.° — A topographia, o nivelamento, e o desenho graphico:

3.° — A physica e a chimica elementares applicadas:

4.° — A botanica elementar e a physiologia vegetal, e a sua applicação á cultura, e ás plantações:

5.° — Os principios geraes da arte veterinaria:

6.° — Os principios fundamentaes da cultura das fazendas.

7.° — Os principios de economia rural applicados ao emprêgo dos capitaes, e á administração interior das fazendas:

8.° — A contabilidade por partidas dobradas.

No 2.° anno ensinam-se:

1.° — Os principios da cultura nas suas applicações especiaes á arte de produsir e ao emprêgo dos productos:

2.° — As mathematicas applicadas á mechanica e á hydraulica, e os elementos de Astronomia:

3.° — A physica e a chimica applicadas ás analyses das terras, das aguas, dos estrumes, etc., ás distillações, e ao emprêgo economico do calor:

4.° — A mineralogia e a geologia applicadas ao cultivo das diversas substancias fósseis, ás sondas, e ás buscas de aguas subterraneas:

5.° — A cultura das hortas e dos pomares: a arte florestal; e o conhecimento dos insectos uteis e nocivos:

6.° — A architectura rural applicada ás construcções dos edificios, dos caminhos, ao encanamento e conservação das aguas, ás estimativas e desenhos das plantas, ao fabrico da cal, argamassas e betumes, e sua applicação:

7.° — A legislação relativa ás propriedades ruraes;

8.° — Principios de hygiéne para homens, e animaes.

Os cursos são distribuidos de modo que, os que devem ter maior numero de experiencias e de applicações sobre o terreno se effectuem no verão, e os mais no inverno.

Instrucção theorica. — Ha em Grignon uma sala, para onde os alumnos internos são obrigados a ir para estudar ás horas marcadas pelo regulamento interior.

Os alumnos livres são nella admittidos sob seu pedido expresso: porém se perturbarem a ordem estabelecida, serão immediatamente expulsos.

Os cursos e os estudos começam ás 6 horas da manhã de verão, e ás 7 de inverno. A sua ordem é fixada por um regulamento interior.

O começo da tarde do sabbado e a manhã da segunda feira são exclusivamente empregados em instrucções praticas.

Instrucção pratica. — Os alumnos não podem trabalhar com os instrumentos aratorios, senão depois de se terem sugeitado a uma aprendisagem preliminar do trabalho das fazendas, e só depois de se lhes reconhecer aptidão necessaria, a fim de se evitarem os erros, e os desastres.

Em cada semana, os alumnos de serviço assistem ao trabalho interior da fazenda. Notam as observações que podéram colher, e as duvidas sobre as quaes precisarem de esclarecimentos: as quaes transmittem ao chefe que, de accórdo com o director, dá em cada tarde as respostas necessarias aos alumnos.

II. *Obtenção do titulo de alumno da Instituição real de Grignon.* — Os alumnos que se distinguirem serão, em cada anno, sob proposta do principal, approvada pelo conselho de administração, citados nos *Annaes da Instituição* com menção honrosa.

Nenhum alumno interno receberá o titulo de *Alumno da Instituição real agronomica de Grignon*, se não tiver frequentado todos os cursos que alli se professarem; e se o seu comportamento não for irreprehensivel.

Este titulo será egualmente concedido, sob seu pedido, aos alumnos livres que satisfiserem ás mesmas condições. Todos os annos, a lista dos alumnos admittidos será impressa nos *Annaes*.

Aos alumnos livres, que desejarem tomar parte nas instrucções praticas, é-lhes concedido; mas devem então obrigar-se a conformarem-se exactamente com a ordem estabelecida.

III. *Condições para a admissão.* — Duas classes de alumnos são admittidas na Eschola de Agricultura: — Alumnos livres, e alumnos internos.

Nenhum alumno póde ser admittido como alumno livre senão tiver de edade vinte annos feitos. Cada um destes tem um quarto particular.

Os alumnos internos devem ter de edade quinze annos pelo menos.

Os alumnos livres não estão sujeitos a nenhum regulamento interior, com tudo devem morar no estabelecimento, e comerem na meza commum.

Os alumnos internos são sugeitos a um regulamento interior de ordem quanto ao comportamento e emprêgo do seu tempo, que é dividido em estudos theoricos e praticos. este regulamento é-lhes mostrado antes da sua entrada; e elles devem prometter que o hão de observar strictamente.

Conhecimentos preliminares. — Os alumnos, que requererem a sua entrada no Instituto de Grignon, devem mostrar que teem pelo menos a instrucção primaria.

Despezas. — O importe da pensão dos alumnos livres é de 1:500 francos (ou 240$000 rs.) por anno lectivo, pagos aos trimestres adiantados, pela instrucção, alojamento e sustento: a lavagem da roupa se paga em separado.

O importe da pensão dos alumnos internos é de 1:300 francos (ou 208$000 rs.) pagos aos trimestres adiantados, pela instrucção, alojamento, sustento, fogão commum, luz, tratamento medico, lavagem e conservação do enxoval. São alojados em dormitorios em cellas.

Os que desejarem ter quartos particulares pagarão 300 francos (48$000 rs) mais.

Não ha nenhuma retribuição accessoria sob qualquer pretexto: com tudo o fornecimento dos objectos de escriptorio e de desenho é á custa dos alumnos.»

* *

PARTE LITTERARIA.

COMMEMORAÇÕES.

A nova redacção da Revista não cumpriria as suas promessas se deixasse de seguir a antiga e mui digna pratica das commemorações.

Começa hoje pela do Natal, porque mui de proposito lhe não quiz antepor outra.

A redacção espera, que os illustres collaboradores, que mais concorreram para o credito desta parte da Revista, hão de accudir ao convite que a redacção mui respeitosamente lhes dirige.

O NATAL.

58

Grande é a liberdade: mas a liberdade sem a religião é um impossivel.

Quando se perde a fé, quando falta a esperança, e se esquece a caridade — o homem fica escravo no meio das instituições, que julgou liberaes.

Tirae a cruz do centro das sociedades, e vereis em logar do symbolo santo — o bezerro de ouro — e aos pés do idolo, a polygamia se revolverá descomposta, e a escravidão gemerá com o pezo da ignominia.

As illusões já não tornam duvidoso o futuro do Christianismo.

Antes do principio do presente seculo, parecia que ainda não estava perfeitamente demonstrada a impossibilidade de organisar os Estados sem a religião.

Algumas consciencias puras, mas debeis, chegaram a deixar de vêr o dedo de Deus na continuidade dos factos. — E quando viram o abysmo, que estava cavando uma revolução espantosa, choraram como os antigos prophetas sobre as ruinas da moderna Jerusalem.

Ao presente a esperança deve ter vigorado a fé que vacilou.

O que nesse tempo pareceu grave calamidade, era para o povo uma advertencia — para o Christianismo, um triumpho.

A revolução franceza completou a demonstração, que a reforma tinha começado.

Tal é a cegueira das paixões, que antes destes dous factos não se tinham aproveitado as licções do passado. E entre tantas bastava só uma.

A Grecia foi a obra mais perfeita dos homens, e a Grecia morreu, porque lhe faltou a sombra da cruz.

A voz de Platão debalde se ergueu para a purificar. — Nem a lyra de Homero a despertou do lethargo. — E até para a salvar de nada serviu o sacrificio de Socrates, a mais bella alma dos tempos antigos.

Tudo foi inutil para perpetuar a obra que não tinha sido ungida com o sangue do Redemptor.

O mundo soffreu convulsões horriveis, em quanto a lei se não completou por meio do testamento de Jesus, unido ao que o mysterio havia depositado no coração do povo de Israel.

Todos esses factos são a luz com que a Providencia nos mostra os perigos para sabermos procurar a salvação.

A obra dos seculos não será inutil.

Chegou o momento supremo da sociedade se reconstruir ao som cavo dos ferros, que se despedaçam, e ao murmurio suave das preces do sacerdote.

Na aurora da verdadeira liberdade, já se divisa a cruz triumphante.

O dia de Natal representa o principio do altissimo feito da redempção.

Pelo meado da noute abrem-se os templos resplandecentes de alegria. Nas cidades, e nas aldêas o povo adora no berço a imagem do Redemptor.

Deus permitta que, ante esse berço, todos protestem advogar com fé as consequencias do sancto sacrificio.

A esperança não lhes poderá faltar.

E a caridade, palavra simples, ensinada aos homens pelo Justo, que ao nascer foi involto nos andrajos da pobresa, salvará as Nações.

AVE, REX!

59 Ante o berço d'um Deus, pae da egualdade,
Me prostro, grave e mudo;
Salve, aurora christã da liberdade:
Bethlem, eu te saúdo!

Rojo a fronte no pó, que lá desponta
O Sol da Redempção;
Adoro a Luz, que apaga a eterna affronta
D'esse herdado grilhão!

Cantae, vozes do mar, vozes da serra,
Um cantico profundo:
Eis o Senhor! Jesus nasce na terra,
No Céu renasce o mundo!

Cura aos homens, Jesus, nova ferida
De nova escravidão;
Que em vez da antiga mácula remida
Ficou-lhes a ambição!

Dezembro 20 — 1847.

Mendes Leal Junior.

A LAREIRA.

60 Nas noites d'inverno sentado á lareira
Quando era pequeno mil contos ouvi.
Entre elles, vai este, que ao pé da fogueira
Por muito contado de cór aprendi.

Contaram-me immensos, de bruxas, e fadas,
Que eu julgo não serem contados com fé:
Mas este, tem fundas memorias herdadas
Por isso tem sempre ficado de pé.

Contou-m'o uma velha, que todos disiam,
Que nunca mentíra, nem mesmo a brincar;
Os que eram creanças com gosto aprendiam
Os contos que a velha contava a chorar.

Ouvi, ouvi este, que tem o seu fito,
Em dar-vos singella licção de moral.
Ouvi-o calados, que é muito bonito,
E todos me dizem ter fundo real.

Foi-me elle contado no mez de janeiro,
Ao pé da fogueira, sem ter outra luz;
Jurar-vos... não juro... mas é verdadeiro;
Façamos nós todos o signal da cruz.

P'ra que Deus nos livre de máus pensamentos,
Que o démo suscita na mente aos fieis.
Agora podemos, sem medo aos tormentos,
Fugirmos do démo ás aridas leys.

O conto é singello, mas reza a verdade;
Ouvi-o calados, não façaes motim:
Ninguem que duvide por isso se enfade
Lá vae o meu conto, chegae-vos a mim.

I.

Era d'uma vez um velho,
Ai pobre de quem o'o é!
Que ao seu bordão encostado
Mal se sustinha de pé!
Diziam, valha a verdade,
Ter oitenta annos d'idade.

Cego de gôtta-serena
Tenteando as trevas vae;
Se bom filho o velho fôra,
Era ainda melhor pae,
Deu-lhe Deus uma só filha,
Que em belleza é maravilha.

Avisava o pae ao certo
De quando nascia o sol;
Pela mão o condusia
Para ouvir o rouxinol;
Que ao despedir-se do dia
Cantava com melodia.

Mas o démo tem taes artes,
E tão ruins ellas são,
Que por não poder vencel-a,
Captivou-lhe o coração.
O que ella fez não se sabe,
Nem mesmo no conto cabe.

Mas o que dizem ser certo,
É que a filha abandonou
O pobre velhinho cego,
Que logo após expirou.
Olhem que funda saudade
Quanto mais naquella idade!

O pobre velho ralado,
Não pôde com tal paixão:
E morreu, legando á filha
No seu leito a maldicção.
Não vem bem a quem mal faça,
Começa aqui a desgraça.

Nisto, benzeram-se todos,
Para ouvirem o final;
Que reza por tal maneira
Que até ouvil-o faz mal:
São lembranças do castigo
Que o crime trouxe comsigo.

Não percaes nunca a memoria
Desta mui fiel historia.

II.

Passaram-se annos e annos
Sem ninguem fallar em tal;
Vae senão quando uma noite,
(Foi na noite de Natal)
Todos n'aldeia a queixar-se
D'algum novo horrivel mal!

Padre! Filho! Esp'rito Santo!
Para longe a tentação!...
Ouvi-se uma voz ao longe!...
Como as dos vivos não são!
Aprendam todos, aprendam
Nesta terrivel licção.

Era aquella ruim filha,
Que vinha sem se saber,
Todas as noites, trindades,
Novos males commetter!...
Creança que ella apanhava
Nunca mais vinha a viver!

Diziam todos na terra
«Mas nunca ninguem a viu»
Que andava sempre sorrindo
Desde o dia em que fugiu:
Que em camas feitas por gente
Nunca mais ella dormiu.

Pelas eiras, e montados,
Corria sem direcção,
Ouvia sempre sorrindo
O ribombo do trovão:
Até se esqueceu a triste
Benzer-se como christão!

Diziam todos á uma,
«Se é verdade não n'o sei»
Que mal a noite baixava
Quebrando por toda a lei,
Vinha a cavallo no démo
Contente que não direi.

Creatura que ella achasse
Ficava sem mais fallar;
Passava por pé dos Santos
Sem se benzer, nem rezar,
Tornou-se feia, tão feia,
Que era mesmo de pasmar!

Uns disiam que era doida
Por isso não queria a paz!
Mas alguem da sua aldeia
Mais do que os outros sagaz,
Logo disse, que eram artes,
Do maldoso satanaz!!

III.

Para colhel-a em peccado
Vinha a justiça d'El Rei;
Nada fez: fóra do mundo
Vivia por outra lei.

Eu então era pequeno
Quando isto aconteceu;
Mas logo disse comigo,
Governar em quem morreu
Não pódem homens da terra.
Pois foi o que aconteceu!

Andaram por muito tempo
Sem n'a poderem prender:
Até que um d'elles lembrou-se
D'outra justiça fazer.

Foram procurar o Bispo,
Que era um santinho sem par;
Passava dias, e noites,
Pelas contas a rezar:
Até o Papa fallava
Em o querer canonisar!

O bispo benzeu-se logo
Com tamanha devoção,
Como quem dava em resposta;
Lá irei que sou christão.

IV.

Venham todos vêr a festa
Que vae linda de pasmar!
Vem mil padres e clerigos
Com seu habito talar:
Vem na frente o Sr. Bispo
Esta aldeia exorcismar!

Para que não volte á terra
Essa terrivel visão!
Disse o Bispo exorcismando
Logo após d'uma oração.
E deitando a agua-benta
Foi-se á Sé em procissão.

Desde então n'aquella aldeia
Viveu tudo sempre em bem.
Nunca a má da rapariga
Appareceu a mais ninguem.
As creancinhas da terra
Já medo d'ella não tem.

Só a casa em que vivia
Uma noite ardeu por si,
Sem ninguem lhe deitar fogo
Ficou cinzas logo alli!
Não me digam que é mentira
Foi um milagre que eu vi.

O Senhor que póde tudo
Tal milagre permittiu:
Inda é viva muita gente
Que em cinzas a casa viu.
Podeis ter isto por certo
Nunca a bocca me mentiu.

Olhem os filhos maldosos,
Que não respeitam seus paes;
Os castigos que Deus manda
Por esses erros fataes!
Aprendam todos os filhos
A respeitarem os paes.

Contar-vos um conto com mais singelleza
Ninguem a sabel-o por certo o fará.
Agora se a velha, fingindo franqueza,
Por nós o contarmos, de nós se rirá....
Não posso dizel-o; nem essa certeza,
Depois d'ella morta, ninguem nos dará.

L. A. Palmeirim.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

16 A 22 DE DEZEMBRO.

61 Decreto de 15 de dezembro, publicado em 17 com o fim de remover algumas duvidas que se suscitaram sobre a verdadeira intelligencia do decreto de 9 ácerca da circulação das notas do Banco de Lisboa.

No Diario n.° 298 em seguida a este decreto vem as instrucções para o cumprimento do referido decreto de 9 do corrente.

Portaria de 13 de dezembro convidando o Sr. Joaquim Fradesso da Silveira, lente da 5.ª e 6.ª cadeiras da Eschola Polytechnica para remetter á Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda o relatorio que houver feito em consequencia da inspecção, a que procedeu nos differentes faroes do reino, acompanhado das observações que julgar opportunas, quanto á melhor organisação deste importante ramo de serviço.

Portaria de 9 de dezembro ordenando que em vista da respectiva legislação e pratica seguida, os leques importados das nossas possessões, devem pagar por entrada o direito de 300 réis em cada um arratel.

Até 11 de dezembro foram recebidos em pagamento da quarta parte dos direitos da Alfandega Grande de Lisboa, Sete-Casas, no Terreiro Publico, e na Alfandega do Porto 42:576$000 de bilhetes creados pelo decreto de 30 de outubro ultimo.

A Junta do Credito Publico faz saber que as cedulas e recibos notados, que forem dados em pagamento dos bilhetes da Loteria Nacional, devem conter a assignatura do comprador dos bilhetes, e serem acompanhados de uma relação tambem por elle assignado com signal reconhecido. — As referidas relações dão-se na thesouraria da Junta.

PRAÇA DE LISBOA.

62 Os fundos publicos de 5 por cento subiram a 52 por cento com o juro do segundo semestre de 1846 por pagar, e os de 4 por cento subiram a 43. Escriptos admissiveis nas Alfandegas 98 a 99 por cento, metade notas do Banco de Lisboa e metade moeda metalica.— As acções do Banco de Portugal subiram a 400$000. — Titulos das tres operações são procurados, por 36 e 37 por cento. — Os demais Papeis de credito sustentam os preços, por que os cotámos no n.° anterior. — Desconto de notas. O Governo recebe e paga com o desconto de 1$710 por moeda, e na praça o desconto regula de 40 a 43 por cento. — Lisboa 22 de dezembro.

CAIXA ECONOMICA DE LISBOA.

FUNDADA PELA COMPANHIA CONFIANÇA NACIONAL.

63 Recebeu na semana finda em 18 de dezembro em 4 entradas de 3 depositantes, réis 130$400.— Sendo 1 depositante novo.

ESTREIA DA SR.ª LIBRANDI.

O artigo, que segue, foi-nos remettido por pessoa que julgamos mui competente; não podemos emittir sobre o assumpto opinião propria, pois que ainda não ouvimos a Sr.ª Librandi.— Já em o numero antecedente promettemos dizer alguma cousa ácerca dos theatros, e mormente do de S. Carlos, que só pelo que nos custa, attendendo á penuria em que estamos, merece que se julgue com imparcialidade, e sem nenhum favor. Talvez no proximo numero nos seja possivel fazer as reflexões que este ponto nos suscita.

64 Entra hoje em artigo de moda dizer-se mal da companhia do theatro de S. Carlos. Nesta parte não é difficil a ninguem submetter-se ás leis da moda. A companhia lyrica do primeiro theatro da capital deixa muito a desejar, mas não seremos nós, que exaggerando a sua mediocridade, nos lancemos no campo da critica acintosa, estampando na fronte de cada um dos cantores o sello de uma reprovação artistica eterna, porque, além de ser injusto, seria isso carregarmos com a responsabilidade de algum futuro perdido, e de algum talento suffocado quando apenas despontava, e quando tinha a combater com mil elementos encontrados.

As sublimes inspirações musicaes do Maestro Verdi não foram desta vez tão bem executadas, como já o haviam sido no nosso theatro de S. Carlos. A voz da Sr.ª Librandi com ser de pouco vulto, e estar enfraquecida por algum agudo padecimento, pareceu-nos muito harmoniosa. O methodo do seu canto revela, além de muito estudo, o conhecimento da arte.

Não diremos que a Sr.ª Librandi é uma artista de primeira ordem, mas não hesitaremos em dizer, que entre elle e as demais primas-donas da actual empreza, não existe differença em seu desfavor.

A Sr.ª Librandi foi além d'isso pouco feliz na escolha da sua primeira opera, que não póde deixar de considerar-se por extremo difficil, mas que ella talvez poderia ter desempenhado cabalmente se estivera, o que nos pareceu não estar, na posse de todos os seus recursos artisticos.

Esperamos pela segunda opera em que a Sr.ª Librandi cantar, para melhor julgarmos do seu merito artistico, e confiamos que realisará as nossas esperanças, e a de muitos outros amadores da arte de Rossini e de Donizetti. *

LADRÕES.

65 Em louvor não só do nosso povo, mas tambem das auctoridades administrativas, deve-se confessar que o paiz, e muito em particular a capital, tem estado por muito tempo livre dos roubos, que occorrem nas terras mais policiadas da Europa.

Ha pouco tempo começa a desapparecer, neste ponto, a segurança de que se tem gosado.

Nas provincias teem sido assaltadas algumas casas.

Os jornaes e cartas do Porto dão conta de varias tentativas de roubo, feitas naquella cidade.

Dos suburbios de Lisboa temos recebido varias queixas sobre este ponto, e algumas bem justificadas. Differentes casas e pessoas teem sido assaltadas por ladrões, para as bandas do Lumiar, Campo Grande, Bemfica, e tambem pelas proximidades de Chellas.

Na feira do Campo Grande appareceu uma chusma de ratoneiros, que descaradamente roubavam o que podiam.

Não somos os unicos que damos conta destes factos, pois que outro jornal, ha poucos dias, referiu alguns, e acontecidos nos sitios que indicamos.

Entre as queixas que, sobre o assumpto, recebemos no escriptorio deste jornal ha uma que tem sua graça.

No dia 17 do corrente das 9 para as 10 horas da manhã, em quanto um creado da Serenissima Infanta D. Anna estava no palacio, em que S. A. habita a Sete Rios, um sujeito mal vestido entra-lhe em casa, e troca os trapos, que trazia sobre si, pelo melhor fato que encontrou, não se esquecendo de lançar mão ao que póde achar a geito, e desappareceu deixando meia duzia de farrapos como bilhete de visita.

Esperamos que as auctoridades do districto olhem por isto com o zelo, que em taes casos devem empregar. Parece-nos que talvez, não só por agora, mas como providencia permanente, conviria estabelecer alguns postos de guarda municipal fóra das barreiras, mormente em Bemfica, Campo Grande e Madre de Deus.

INFANTICIDIO.

66 Havia tempo bastante que a cidade não presenciava um desses crimes, que horrorisam por tantos motivos, e que são a indicação de uma gradual decadencia nos sãos principios da moral.

Na semana passada muita gente presenciou a achada de uma creancinha de dous mezes, mettida em um vaso de barro, e com todos os signaes de que fôra assassinada! !

Não contâmos este facto para pedir em altas vozes o sangue do algoz que tanto ousou, mas para chamar a attenção dos leitores sobre um ponto de que mui brevemente fallaremos. Supponham que a policia descobria o criminoso, (affastemos de nós a idéa de que fosse a mãe da victima, pois nem podemos imaginar que as mãos de uma mulher se manchassem com o sangue de um filho); e perguntaremos ¿qual seria o castigo? — O limoeiro, e lá a enxovia. Mas sabei que o limoeiro e a enxovia são umas escholas de crimes em logar de ser meio de correcção! ! !

EXEMPLO EDIFICANTE.

67 O incendio do edificio da Ordem terceira, e o estrago da sua Igreja do Menino Deus, trouxe, além da perda e do desgosto, um grande embaraço, para alli não se poderem continuar os officios Divinos. — Desde mui remota data estavam os fieis no costume de irem no dia do Natal continuar o Sagrado Lausperene n'aquella Igreja: — a Ordem terceira ficou tão empobrecida por aquella perda, que lhe é impossivel aceitar a destribuição do Sagrado Lausperene em tal dia e na sua Igreja. — Advertido o animo generoso e bastante christão do Exm.º Sr. Marquez de Vianna, de que tam grande embaraço inquietava sobremaneira a Ordem terceira por não poder cumprir um encargo religioso, que em tempo nenhum tinha recusado, annuiu promptamente á insinuação que se lhe fez, para que houvesse de permittir a continuação do Sagrado Lausperenne na Capella de N. S. da Bonança, junto ao seu palacio, nas 40 horas em que competia por destribuição á Igreja do Menino Deus. — O nobre Marquez procedendo assim tam devotamente, facilita a mui recomendavel publicidade do Culto Divino, e faz com que a capella da sua casa offereça um edificante contraste religioso com o mal observado Culto Divino, que se pratica a portas fechadas em alguns oratorios particulares de casas, onde só se attende ao maior commodo dos assistentes.

MORTE DE UM BOM PASTOR.

68 Ha poucos dias, um jornal da capital annunciou a morte de um respeitavel ecclesiastico, que servia de prior na freguezia do Castello. Chamava-se José Maria do Bomfim. Entre as muitas boas acções, que honram a sua memoria, e de que temos conhecimento, ha uma que não podemos deixar de referir. Por desavenças domesticas abandonára um parochiano a mulher e os filhos, que por este modo ficaram ao desamparo; mas velava por elles a imagem do Pae que não abandona um só vivente, e o reverendo sacerdote adoptou um desses innocentinhos, que além do gasalhado e carinho paterno estava sendo bem educado, quando a morte lhe arrebatou o seu caridoso protector.

É de esperar que a familia do fallecido continue obra tão meritoria.

INCENDIO NO PORTO.

69 Em a noite de 18 para 19 do corrente houve um grande incendio no edificio do governo civil do Porto, vulgarmente denominado Casa Pia. O fogo começou nos quartos superiores. Salvaram-se a maior parte dos cartorios, e não houve perda de vidas. Só pelo correio de sexta feira se podem receber mais amplas informações.

O edificio, não sendo de apparencia magestosa, era

um dos mais vastos do Porto, e servia para differentes repartições. Poderia chamar-se-lhe, o que fóra das capitaes se denomina Palacio do Governo.

TREMORES DE TERRA.

70 Não é sem repugnancia, que vamos escrever algumas linhas sobre este extraordinario phenomeno da natureza.

Desejamos não levar o receio ao animo de ninguem, mas o assumpto é tal, que ainda com o maior cuidado, e com os melhores intentos se podem commetter indiscripções, que muitos julgarão reprehensiveis.

Os tremores de terra, que ultimamente se teem sentido, parece fóra de duvida, que principiaram no dia 12 do corrente. Algumas pessoas sentiram tremer a terra em Lisboa á uma hora da tarde desse dia, e temos do Ribatéjo noticias de egual phenomeno no mesmo dia, pelas duas horas da tarde.

Muita gente assegura ter sentido um tremor em a noite de 16 para 17 pela volta da meia noite. Ás 6 horas e um quarto da manhã do dia 17 é certo que houve um tremor seguido de outro ás 8 horas e um quarto: sendo este ultimo acompanhado de um rumor subterraneo. No dia 19 sentiu-se um pela manhã ás 9 horas menos alguns minutos. Nesse mesmo dia á noite houveram dous, entre ás 10 e 11 horas, e ás 6 horas da manhã do dia 20, houve outro.

As tristes recordações, que restam do terremoto de 1755, não se devem quanto a nós lembrar por esta occasião; e sentimos, que alguns boatos se tenham espalhado bem pouco animadores. Ácerca da direcção, em que se teem sentido os abalos, quasi todos nos teem parecido horisontaes. Muita gente nos ponderou, que a folha official podia ter asseverado sobre este ponto alguma coisa de verdadeiro, se publicasse o que forçosamente devem ter notado as pessoas encarregadas das observações astronomicas. — No presente caso, a importancia da participação não seria de pouco vulto, pois que a experiencia tem provado, que os abalos horisontaes são os menos perigosos.

Tambem talvez conviesse, que pelo mesmo modo, se houvesse noticiado o apparecimento da aurora boreal, vista no dia 19 á noite, e por duas vezes dias antes.

Fazemos estas lembranças sem intenção de censurar ninguem; mas unicamente porque desejavamos, que por todos os modos se tirassem os pretextos de abusar da credulidade publica.

Não consta, por em quanto, que nenhum dos tremores fizesse estragos, que devam notar-se.

Muita gente tem por esta occasião manifestado o desejo de saber alguma coisa, ácerca de similhante phenomeno, mas nesta parte a sciencia apenas está na infancia e ao certo nada se póde asseverar com segurança.

O que porém é fóra de duvida, é que o phenomeno algumas vezes se limita a um espaço limitado, como o terremoto, que houve em 2 de fevereiro de 1828 na ilha de Ischia; outras vezes abrange uma extenção consideravel como o terremoto de 1755, que foi sentido da Laponia até á Martinica e que destruiu, na Africa, Marrocos, Fez e Mequinez.

Convem, que se attenda muito, a que o terremoto de 1755 foi um phenomeno extraordinario, que pela extenção dos seus resultados está longe de se poder comparar com muitos outros tremores de terra; e por este motivo não devemos só pensar nesse triste acontecimento, por que não é ordinario, que similhante phenomeno tenha sempre tamanha intensidade.

Por esta occasião julgâmos dever declarar, que nos documentos que temos presente, ácerca do terremoto de 1755, nenhuma noticia se dá, de que antes do dia 1.° de novembro, houvessem repetidos tremores; depois desse dia é que os houve por algum tempo. Nenhum dos tremores, que ao presente se tem sentido, excedeu 3 segundos; e quanto a nós, o mais violento, foi o que veio acompanhado do rugido subterraneo. — Pelas informações que ha de fóra da cidade, as quaes provam que os abalos teem ahi sido mais fortes, parece-nos que se poderia conjecturar que a causa de taes abalos estava longe de Lisboa; o que é animador, mormente se proviessem de alguma explosão vulcanica; e se fosse exacto o que ouvimos, que dissera um capitão de um navio entrado no dia 21, ácerca de ter observado a mais de 30 milhas da costa, que o mar estava em uma temperatura fóra do ordinario, e parecia deixar perceber alguns residuos de cinzas. Não podemos affiançar a veracidade deste facto.

Sobre um ponto tão pouco sabido, o que parece incontestavel é que a causa do phenomeno está na avultadissima porção de gazes, que existem no centro da terra. Um dos geologos mais modernos termina assim o que escreve sobre os tremores de terra.

— « Parece fóra de duvida, que os tremores de terra podem causar grandes modificações na superficie da terra, pois que em os nossos dias vastas porções de territorio se teem elevado acima do nivel do mar. Tambem é evidente, que existem causas, as quaes operando mui vagarosamente fazem com que alguns continentes se elevem mais, rebaixando-se outros, e algumas vezes este segundo phenomeno se realisa de subito. Todos estes factos parecem correlativos. »

« Taes phenomenos, apesar de extraordinarios, não devem causar muito espanto, quando se pensar na desproporção que existe, entre a espessura da crusta solida do globo e a massa em fusão que está envolvendo. Essa crusta é como uma folha de ouro estendida sobre uma laranja. Ora claramente se vê que o mais pequeno movimento interior basta para produzir um abalo violento. »

Durante estes dias os receios, que inspiraram os tremores de terra, teem mostrado que ainda em corações portuguezes arde o santo fogo da Religião dos nossos maiores.

O Governo acaba de mandar proceder a preces publicas no Patriarchado e mais Bispados do Reino.

Depois d'este preito da Auctoridade ao Culto Divino, devemos dar conta de uma singella mas elevadissima demonstração de bons sentimentos religiosos, que deu o povo da villa de Alcochete, na segunda feira 20 do corrente.

Todo o povo sahiu da villa, levando comsigo o Senhor Jesus da Misericordia, e foram ao encontro da imagem veneravel da Senhora da Conceição. Era muito para vêr aquella boa gente, dominada pelos mais respeitosos sentimentos, a ouvir uma eloquente pratica, feita pelo muito reverendo Padre Francisco, bem conhecido na villa e arrabaldes, pela sua grande devoção.